



Pesquisa-Ação

Agentes Culturais Democráticos



Módulo II:

Cultura e Culturas Brasileiras

José Roberto Severino



Módulo II:

Cultura e Culturas Brasileiras

Módulo II:

Cultura e Culturas Brasileiras

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

Salvador, 2024



O presente trabalho foi realizado com apoio do Fundo Nacional da Cultura do Ministério da Cultura - Brasil - Esta obra está sob licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0: esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Universitário de Bibliotecas da UFBA

S498 Severino, José.
Cultura e culturas brasileiras: módulo II / José Severino. - Salvador: UFBA; UFRB, 2024.
55 p. : il.

Esta obra faz parte do Projeto Pesquisa-Ação: Agentes Culturais e Democráticos.

1. Cultura. 2. Cultura – Brasil. 3. Cultura popular – Brasil. 4. Cultura - Estudo e ensino. I. Universidade Federal da Bahia. II. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. III. Título.

CDU: 008

Elaborada por Marcos A. N. Ferreira
CRB-5: BA-001758/O

MINISTÉRIO DA CULTURA

Ministra: Margareth Menezes

Secretaria de Formação, Livro e Leitura

Secretário: Fabiano Piúba

Secretaria dos Comitês de Cultura

Secretária: Roberta Cristina Martins

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor: Paulo César Míguez de Oliveira

Vice-Reitor: Penildon Silva Filho

Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos - IHAC

Diretor: Luís Augusto Vasconcelos da Silva

Vice-diretor: Milton Júlio de Carvalho Filho

Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT)

Coordenadora Geral: Sophia Cardoso Rocha

Vice Coordenadora: Lourivânia Soares Santos

Superintendência de Educação a Distância

Superintendente: Márcia Tereza Rebouças Rangel

Equipe de desenvolvimento do Projeto

Coordenador Geral:

Antônio Albino Rubim

Vice-Coordenadora: Sophia Cardoso Rocha

Pesquisadores

Adriano de Oliveira Sampaio

Angela Maria Menezes de Andrade

Antônio Albino Rubim

Gisele Marchiori Nussbaumer

Giuliana D´El Rei Sá Kauark

Guilherme Rosa Varella

José Roberto Severino

Lourivânia Santos Soares

Luana Vilutis

Mariella Pitombo Vieira

Meran Muniz da Costa Vargens

Ohana Boy Oliveira

Sophia Cardoso Rocha

Orientadores de Pesquisa no AVA

Cora Santana

Nícia Riccio

Auxiliares de Pesquisa

Amanda Azevedo Sousa

Antonio Teófilo de Almeida

Beatriz Abreu Gomes

Bianca Kaizer de Oliveira

Breno Domingos de Oliveira

Camila de Oliveira Almeida

Caroline Dumas Oliveira

Ivalda Kimberlly Santos Portela

Jaqueline Souza

João Caetano Brandão Andrade

José Rayone Lima Borges

Kênia Natividade Santos Silva

Márdel Pereira dos Santos

Marina Vlacic Moraes

Nathalia Oliveira Leal

Noédosn Conceição Santos

Nubia dos Reis Pinto

Pérola Cavalcante Dourado

Rodrigo Araujo dos Santos

Tássia Camile de Matos Barbosa

Thainá Silva de Oliveira

Thiago Carvalho de Sousa Correia

Tiago Leonardo Alves Muniz

Vanessa Avelar Barreto

Pesquisador Especialista em Tecnologias Educacionais:

Haenz Gutierrez Quintana

Pesquisador Especialista em Design Instrucional:

Lanara Guimarães de Souza

Pesquisador Especialista em AVA:

José Renato Gomes de Oliveira

Comunicação: Fernanda Pimenta

Secretaria Administrativa:

Lisandra Alcântara

Apoio Administrativo:

Delmira Nunes

Produção de Material Didático

Coordenação de Tecnologias Educacionais - CTE-SEAD

Coordenação

Prof. Haenz Gutierrez Quintana

Projeto gráfico e Capa

Haenz Gutierrez Quintana

Danilo Barros

Foto de capa: Rawpixel

Supervisão:

Haenz Gutierrez Quintana

Danilo Barros

Editoração / Ilustração:

Ana Carla Sousa; Anatriz Souza;

Gabriela Cardoso; Matheus Moraes;

Thalles Purificação; Tamara Noel

Revisão:

Flavia Goulart M. Garcia Rosa

Sumário

SOBRE O AUTOR, 11

APRESENTAÇÃO, 13

UNIDADE I

INTRODUÇÃO AO CONCEITO DE CULTURA, 15

UNIDADE II

A CULTURA NO BRASIL, 17

UNIDADE III

A CULTURA POPULAR NO BRASIL, 23

UNIDADE IV

CULTURA E TEATRO NO BRASIL, 27

UNIDADE V

AS INSTITUIÇÕES DE CULTURA: A FUNARTE, 31

UNIDADE VI

LENDO AS CULTURAS BRASILEIRAS 33

UNIDADE VII

PATRIMÔNIO E CULTURA NO BRASIL, 39

UNIDADE VIII

A CULTURA BRASILEIRA EM MÚLTIPLAS TELAS E TONS, 45

UNIDADE IX

CINEMA E CULTURA NO BRASIL, 47

UNIDADE X

CONCLUSÃO, 51

REFERÊNCIAS, 57

Sobre o Autor

Professor associado da Faculdade de Comunicação (Facom) e do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (Pós-Cultura/UFBA). É pesquisador do Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (Cult) e do Diversitas da Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador da Rede de Cooperação Acadêmica para o PCI da América Latina e Caribe (REC LAC). Pesquisador do Grupo de Trabalho em Cultura e Políticas Culturais do Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais (CLACSO). Pesquisador do Observatório da Economia Criativa da Bahia (OBEC) na Pesquisa Nacional de Práticas Educativas dos Museus Brasileiros: um panorama a partir da Política Nacional de Educação Museal - Pesquisa Educação Museal Brasil (PEMBrasil). Membro da Cátedra Unesco de Políticas Culturais e Gestão da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). Membro da Cátedra Unesco Migrações e Fronteiras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Membro do Fórum Nacional em Defesa do Patrimônio.

Endereço para acessar o currículo lattes:

<http://lattes.cnpq.br/7656955409871039>



Ilustração: Capoeira, por Anatriiz

Apresentação



Nosso capítulo é sobre “Cultura e culturas brasileiras” e inicia com uma explanação sobre o conceito de cultura. Depois é apresentada uma ampliação do conceito, procurando tratar de algumas implicações em temas como o folclore, a cultura popular, a cultura erudita e a cultura de massa. Procurou-se explorar o conceito também em suas implicações políticas, tangenciando as políticas culturais e as identidades. Depois é feita uma abordagem que procura explorar as possibilidades da compreensão do patrimônio cultural e sua relação com a produção cultural local, explorando esta vertente do território e da diversidade como fatores de desenvolvimento cultural. As reflexões são feitas baseando-se em autores que trataram do tema listados ao final. A cultura, em uma abordagem ampla, é um complexo de padrões que inclui conhecimento, crenças, arte, leis, moral, costumes e qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelas pessoas em sociedade. Neste texto, exploramos a amplitude e a diversidade cultural brasileira, abrangendo suas várias manifestações desde o folclore à cultura erudita, passando pelas dinâmicas da cultura de massa e as políticas culturais que dialogam com as identidades e práticas sociais.

O Brasil, com sua rica tapeçaria de heranças indígenas, africanas, europeias e de outros migrantes, apresenta um campo fértil para a discussão de cultura. Essa diversidade se manifesta não apenas nas artes visuais e performáticas, mas também nas práticas cotidianas das pessoas, nas festividades e nas formas de organização social que são distintamente brasileiras. A cultura popular no Brasil é um reflexo vibrante das vivências e histórias das comunidades locais. Ela incorpora elementos como samba, capoeira, e festas populares, que não apenas entretêm, mas também preservam a história e educam as gerações futuras sobre suas raízes culturais. Cultura como ancestralidade herdada.

O patrimônio cultural brasileiro é um elo crucial entre o passado e o presente, ajudando a definir quem somos hoje, mas principalmente o que queremos para o futuro. Ele é composto tanto por bens materiais, como construções históricas, quanto imateriais, como tradições orais e festas. A decisão de quais elementos culturais são transmitidos e preservados destaca a tensão entre diferentes visões de mundo e interesses, levantando questões sobre quem tem legitimidade para tomar essas decisões.

As políticas culturais no Brasil frequentemente refletem e respondem a dinâmicas sociais e políticas. A decisão sobre o que é considerado patrimônio cultural não é meramente técnica ou estética, mas também política, envolvendo debates sobre identidade, poder e inclusão. As políticas culturais participativas desafiam o paradigma tradicional ao reconhecer que os produtores e detentores de cultura são atores fundamentais no processo de patrimonialização, não apenas o Estado.



Ilustração: Indígena, por Anatriz

Unidade I

Introdução ao Conceito de Cultura

Para discutirmos a comunidade imaginada sugerida pela cultura brasileira, partimos de uma definição ampla de cultura, por isso nosso título propõe o plural para tratarmos de Cultura. Com este olhar, para um início de conversa sobre a definição de cultura, vamos apontar alguns aspectos daquilo que impera no senso comum, e que diz muito sobre as dificuldades de argumentarmos com alguém que enxerga por apenas um viés da expressão cultura. Quando nos perguntamos sobre o que é cultura, as respostas podem ser tantas quanto os seus variados sentidos, o que sugere a polissemia do termo, como nos ensina o *Dicionário crítico de política cultural* (Coelho, 1997, p. 103-106). Por ser uma expressão muito antiga, conhecida desde os tempos romanos, seu uso foi sendo ampliado, mantendo ainda sua acepção original. E daí vamos logo avançando para uma das questões. “Cultura” vem do verbo latino *colere*, que combinava vários sentidos: cultivar, habitar, cultuar, cuidar, tratar bem, prosperar. Do sentido de habitar derivou *colonus*. Até o século XVIII, tratava-se sempre da cultura de alguma coisa, fossem plantações, animais ou mentes. A partir daí, “o processo geral de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético foi aplicado e, na prática, transferido para as obras e práticas que o representam e sustentam”, nos diz Raymond Williams (1992). De onde seguimos para pensar sobre um estado mental ou espiritual desenvolvido, como na expressão “pessoa culta”; o processo que conduz a este estado, de que são parte as práticas culturais; os instrumentos (ou os média) desse processo, como cada uma das artes e outros veículos que expressam ou conformam um estado de espírito ou comportamento coletivo.



Refleta comigo!

CULTURA NO PLURAL

Em qualquer sociedade humana, o que caracteriza a produção cultural sempre foram as misturas, os hibridismos, as mestiçagens, as dominações, as hegemonias, as trocas, as antropofagias, as relações enfim. O que chamamos de cultura, conceito que por seu uso no singular já demonstra sua prisão à lógica da identidade, é na verdade um conjunto múltiplo e multidirecional de fluxos de sentido, de matérias e formas de expressão que circulam permanentemente, que nunca respeitaram fronteiras, que sempre carregam em si a potência do diferente, do criativo, do inventivo, da irrupção, do acasalamento. Na verdade, nunca temos cultura: temos trajetórias culturais, fluxos culturais, relações culturais, redes culturais, conexões culturais, conflitos, lutas culturais (Albuquerque Júnior, 2007, p. 16-17).



Ilustração: Bumba meu Boi, por Anatríz

Unidade II

A Cultura no Brasil

Para pensarmos a cultura no Brasil, pode-se dizer que a expressão veio pela acepção marcada pelo olhar moderno europeu, ou seja, a cultura renascentista na sua versão portuguesa. Além do mais, o Brasil, até a independência, estava enquadrado nos moldes do antigo sistema colonial: subjugando as populações nativas, em uma ordem escravocrata e agroexportadora. Mas ainda sem uma ideia de cultura nacional. Ao longo do século XIX, o país recentemente independente, expunha as suas contradições: depois de um processo emancipatório impulsionado pela ordem liberal, com importantes contendas populares como a da Bahia, manteve-se escravocrata e aristocrático. É necessário falar da noção de cultura brasileira neste contexto. Na verdade, não havia uma definição propriamente consensual sobre cultura, mas imperavam as concepções racistas e conservadoras sobre a jovem nação brasileira. No Brasil, o entendimento de cultura, com raras exceções, reproduziam concepções equivocadamente chamadas de científicas sobre raça e cultura. Mas foi na experiência que se viu emergir uma série de aspectos que escapavam aos enquadramentos que predefiniriam uma cultura. Não iremos nos deter aqui sobre alguns importantes ensaios ligados à arte, resultados dos encontros com a Missão Francesa, ou aos prêmios e bolsas que formaram uma geração de artistas plásticos, compositores e escultores brasileiros em academias europeias. Não trataremos também da literatura, importante terreno de construção de uma língua brasileira, como dizem os portugueses acerca do português cá falado. A busca por elementos da cultura nacional ganha mais força no período republicano, mas ainda com as mesmas influências citadas anteriormente. Será no Modernismo, com a sua irreverente antropofagia que este sinal mudará de forma mais profunda. E no século XX, além do estado nacional e a Era Vargas, com sua busca de uma cultura nacional, além da tese da cultura brasileira como resultado da mestiçagem positiva, segundo Gilberto Freyre, diversas sociedades e instituições foram desempenhando papéis cruciais na organização e no estudo da cultura brasileira, ajudando a definir e a promover uma noção mais estruturada da rica tapeçaria cultural do país. A Sociedade

Brasileira de Antropologia e Etnologia, o Instituto Brasileiro de Folclore e a Sociedade Brasileira de Folclore são algumas dessas entidades que contribuíram significativamente para a compreensão e valorização das práticas culturais e folclóricas brasileiras.

Incorporar as ideias de Darcy Ribeiro, especialmente as expostas em *O Povo Brasileiro*, pode enriquecer significativamente nossa pesquisa ao oferecer uma visão profunda sobre as origens e a formação cultural do Brasil. As noções de Darcy sobre a dinâmica da formação étnica e cultural brasileira poderiam ser utilizadas para discutir como abordamos e representamos essa diversidade em suas múltiplas manifestações. Podemos também explorar como Anísio Teixeira, com seu foco na educação como ferramenta para a democratização e desenvolvimento social, influencia a concepção e prática da educação no Brasil. Considerar seus princípios educacionais pode ajudar a avaliar se nossas instituições culturais estão agindo como espaços de aprendizagem inclusivos e transformadores, alinhados às necessidades e à realidade do povo brasileiro. Seria interessante analisar como essas teorias são refletidas nos programas educacionais e culturais, como eles contribuem para o entendimento do patrimônio cultural brasileiro e promovem a cidadania. Isso pode também ajudar a identificar lacunas ou oportunidades para nossos planos de ação cultural incorporarem mais profundamente essas perspectivas críticas em suas atividades educacionais e expositivas.

A Missão de Pesquisas Folclóricas foi uma iniciativa pioneira no campo da etnografia musical brasileira, liderada por Mário de Andrade, um dos principais intelectuais modernistas do Brasil. Criada em 1938, durante sua gestão no Departamento de Cultura da cidade de São Paulo, a missão teve como objetivo principal realizar um vasto levantamento das tradições musicais, danças, festas populares e outras manifestações culturais das Regiões Norte e Nordeste do Brasil. Esse projeto surgiu como uma extensão das preocupações de Mário de Andrade com a cultura popular brasileira, que ele já havia explorado em seus trabalhos literários e teóricos. A missão foi composta por uma equipe de técnicos e artistas que viajaram para várias localidades, equipados com gravadores então modernos, câmeras fotográficas e filmadoras, com o intuito de registrar as manifestações culturais que encontrassem pelo caminho. Os materiais coletados

durante a expedição são de valor inestimável para o entendimento da diversidade cultural brasileira e serviram como base para muitos estudos posteriores em música folclórica, etnografia e antropologia cultural. Além de consolidar o folclore como um campo legítimo de pesquisa acadêmica no Brasil, a Missão de Pesquisas Folclóricas também ajudou a fomentar uma maior valorização das raízes culturais brasileiras e de suas diversas expressões artísticas. Os registros da missão, incluindo gravações de áudio, fotografias e notas de campo, hoje fazem parte do acervo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP), oferecendo uma rica fonte de pesquisa para estudiosos e interessados na cultura popular brasileira.

A Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, a partir da Universidade do Brasil - futura UFRJ, além da ação de Edgard Roquette-Pinto à frente do Museu Nacional, por exemplo, desenvolveram uma plataforma para a pesquisa e o diálogo acadêmico, reunindo antropólogos e etnólogos para discutir, documentar e analisar os variados aspectos das culturas indígenas

Figura 1. Manifestação folclórica cultural - Fuzuê



FONTE: Autor

e afro-brasileiras, entre outras. Esses estudos ajudaram a apresentar a diversidade cultural do Brasil e promover o respeito por suas diferentes expressões culturais.

Renato Almeida, um notável folclorista, assumiu o Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), atuando em colaboração com a recém-criada Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) em 1946. Sua liderança foi fundamental para a criação da Comissão Nacional do Folclore (CNFL), reunindo figuras eminentes como Manoel Diegues Júnior, Joaquim Ribeiro, Edison Carneiro, Luís da Câmara Cascudo, Mariza Lira e a poetisa Cecília Meireles. Este grupo foi instrumental na organização do I Congresso do Folclore Brasileiro, que propôs a Carta do Folclore Brasileiro em 1951. Este documento foi um marco na valorização do folclore como componente essencial da cultura nacional, reforçando a ideia de que o patrimônio cultural do Brasil deve ser protegido e estudado com rigor e paixão (Calabre, 2009). Essas organizações e indivíduos não só ajudaram a moldar a compreensão da cultura brasileira mas também garantiram que o estudo do folclore e das práticas culturais fosse levado a sério, tanto no cenário nacional quanto internacional, promovendo um reconhecimento mais amplo da complexidade e da riqueza da cultura do Brasil. Florestan Fernandes vai relacionar folclore e sociedade: descrição e interpretação, procurando contribuir para a sua compreensão como conhecimento, como fonte da educação, como expressão estética e mentalidade popular, enfim, como esfera da cultura (Fernandes, 1978, p. 28-38).

Entretanto, o primeiro livro explicitamente tratando do tema da cultura brasileira foi o trabalho de Fernando de Azevedo, *A cultura brasileira*, de 1943. O livro faz parte da coleção Brasileira, sendo que a sua escrita se deve às publicações encomendadas pelo governo para embasar o recenseamento de 1940. O autor dá início ao livro com uma excelente discussão à época sobre o conceito de cultura e suas transformações. Seu objetivo foi identificar a cultura brasileira e as instituições responsáveis pela transmissão do patrimônio cultural da sociedade. Sua abordagem permite analisar as linhas gerais sobre algo novo no país: a gestão institucional do campo da cultura. Um esforço nacional pela produção cultural brasileira. Agora sigamos com as discussões sobre a cultura brasileira.



Reflita comigo!

O que foi a gestão institucional do campo da cultura no Brasil?

A gestão institucional do campo da cultura no Brasil passou por diversas fases de estruturação e reformulação ao longo dos anos. Desde os [primeiros esforços](#) sistemáticos durante o [Estado Novo](#) com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), até as mais recentes políticas públicas de cultura, o governo brasileiro tem trabalhado para estabelecer uma gestão cultural eficaz. Isso inclui a criação de órgãos específicos, como o Ministério da Cultura (MinC) em 1985, e a implementação de programas para fomentar a diversidade e acessibilidade cultural. A gestão institucional busca integrar a cultura como eixo central do desenvolvimento social e econômico, enfrentando desafios como financiamento, preservação do [patrimônio](#), e incentivo à produção artística e cultural em suas múltiplas [expressões](#).

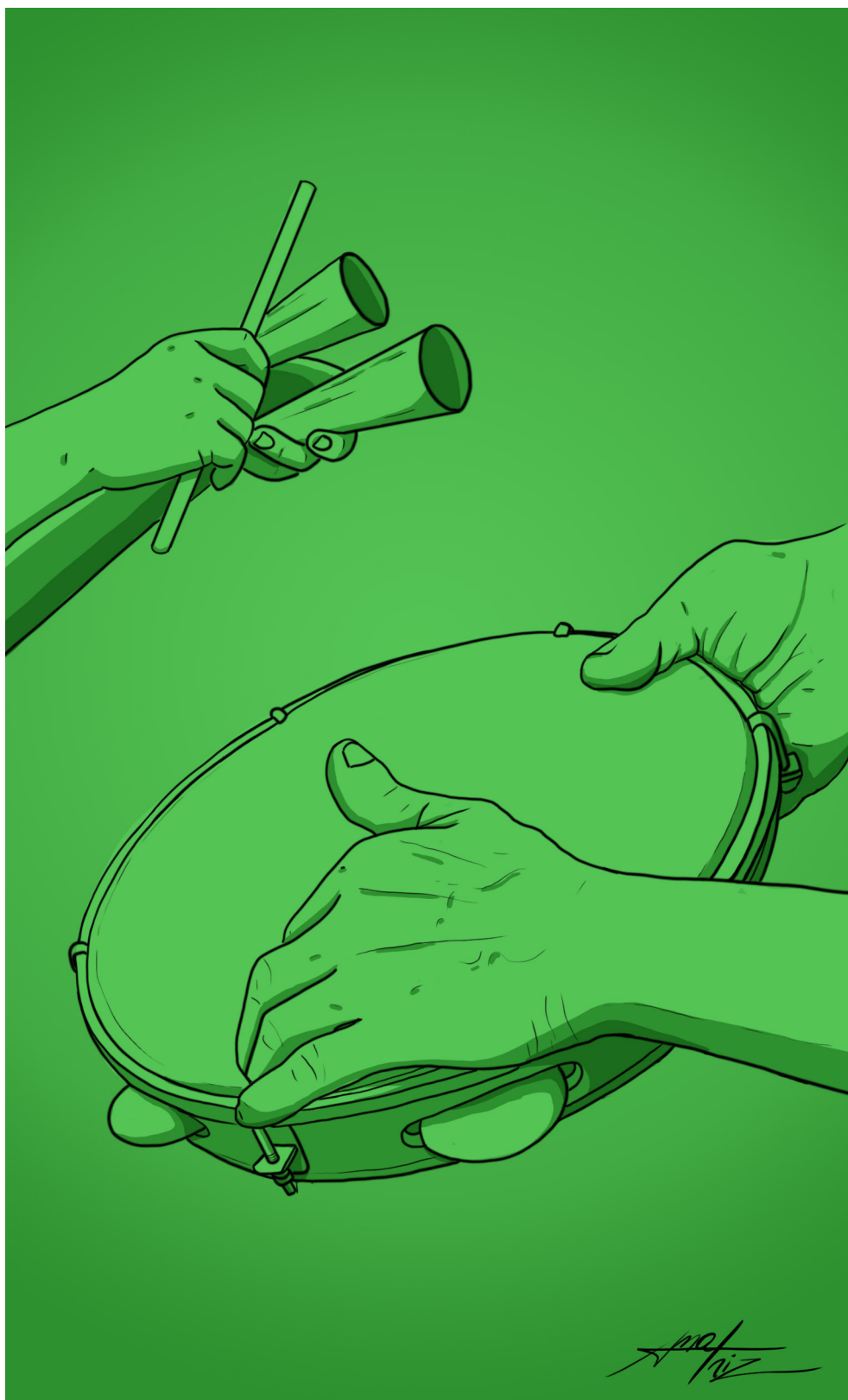


Ilustração: Música Popular, por Anatriz

Unidade III

A Cultura Popular no Brasil

Em grande medida a noção de uma cultura brasileira parece influenciada por interpretações do folclore, como o lugar do original, do singular e do característico, principalmente quando se buscam exemplos da cultura popular brasileira. Contudo, como veremos, folclore deve ser entendido como um dos capítulos da cultura. E quais seriam as definições de Cultura popular ao longo do século XX? Os estudos sobre cultura têm demonstrado que ela nasceu como um conceito erudito. Mas, sendo útil enquanto conceito, como podemos fazer para seus usos práticos? Com inspiração crítica, podemos sugerir dois pontos que devem ser vistos com cuidado quando adotamos o conceito cultura popular (Chartier, 1995).

O primeiro deles, mais antigo e duradouro, no intuito de abolir toda forma de etnocentrismo cultural, concebe, como o popular, um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irreduzível. Essa ideia foi muito cara ao romantismo e para algumas correntes modernistas, sempre em busca da essência do popular nos rincões territoriais. Aqui, tradição e modernidade estão paradoxalmente imbricadas.

O segundo caminho está preocupado em lembrar da existência das relações de dominação que organizam o mundo social desde a modernidade. Uma visão que sublinha a subalternidade da cultura popular frente às forças de dominação. Podemos encontrar reflexões interessantes sobre esta noção de bifurcação – da cultura pública partilhada (Bakhtin, 1987) à separação. Mas sigamos com o raciocínio de ampliar nosso repertório de conceitos sobre cultura popular. Para além desses caminhos sugeridos, a concepção clássica e dominante da cultura popular teve por base, na Europa e, talvez, nos Estados Unidos, três ideias:

- que a cultura popular podia ser definida por contraste com o que ela não era, a saber, a cultura letrada e dominante;
- que era possível caracterizar como popular o público de certas produções culturais;
- que as expressões culturais podem ser tidas como socialmente puras e, algumas delas, como intrinsecamente populares.

Essa chave de interpretação marcou muitos dos estudos sobre folclore e cultura popular no Brasil. Um exemplo importante é o de Aloísio Magalhães, figura crucial na valorização e preservação da cultura brasileira, especialmente por meio de suas contribuições à política cultural do Brasil durante a segunda metade do século XX. Designer gráfico de formação, ele desempenhou um papel instrumental na modernização visual da cultura brasileira e no reconhecimento do design como uma expressão cultural importante. Além de sua contribuição no campo do design, Magalhães teve um papel determinante na formulação de políticas públicas para a cultura no Brasil. No início dos anos 1970, Aloísio Magalhães foi o principal idealizador e fundador do Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC), uma instituição que propôs uma abordagem para a gestão e a política cultural no Brasil que a aproxima das concepções de Mário de Andrade. A generosa visão de Mário sobre a cultura popular e sua diversidade, presentes em seu projeto inicial do SPHAN, foram descartados pela gestão Capanema.

O CNRC foi criado com a missão de identificar, documentar e valorizar as diversas expressões culturais do Brasil, tratando a cultura como um vetor essencial para o desenvolvimento. Essa abordagem representou uma inovação em termos de políticas culturais no país, enfatizando a importância do patrimônio cultural imaterial e da diversidade cultural. Através do CNRC, Magalhães promoveu a ideia de que a cultura deveria ser entendida em seu sentido mais amplo, incluindo as práticas cotidianas e as manifestações espontâneas da população. Esse enfoque ajudou a ampliar o conceito de patrimônio cultural no Brasil, que até então era predominantemente focado em patrimônio material e histórico. O CNRC desempenhou um papel vital na formação de uma consciência sobre a cultura como elemento

Figura 2. Biblioteca Aloísio Magalhães - Acervo de patrimônio cultural, pertencente na época, ao Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC)



FONTE: Arquivo Nacional

integrador e identitário, capaz de contribuir tanto para o sentido de pertença nacional quanto para a valorização das especificidades locais e regionais. A contribuição de Aloísio Magalhães para a cultura brasileira foi marcante também pela sua capacidade de mobilizar diversos setores em prol da causa cultural, utilizando sua posição e influência para estabelecer diálogos entre artistas, intelectuais, gestores e o governo, mesmo ainda estando no regime ditatorial dos militares. Essa rede de colaborações foi essencial para que políticas culturais mais inclusivas e representativas ganhassem espaço no cenário nacional. Sua visão à frente do CNRC e suas ações como intelectual e gestor cultural continuam a influenciar as políticas culturais no Brasil, demonstrando o poder da cultura como força vital para a compreensão, a coesão e o desenvolvimento da sociedade.



Ilustração: Teatro Amazonas, por Anatríz

Unidade IV

Cultura e Teatro no Brasil

O [teatro no Brasil](#) possui uma [história](#) valiosa e diversificada, marcada por uma evolução que espelha as transformações sociais, culturais e políticas do país. Desde suas origens durante o período colonial, quando as manifestações teatrais frequentemente ocorriam em contextos religiosos, com destaque para José de Anchieta e Fernão Cardim, passando pelas casas de ópera do século XVIII até os modernos palcos de hoje, o teatro brasileiro tem desempenhado um papel significativo na cultura nacional. No século XIX, o teatro ganhou um caráter mais organizado com a chegada de companhias europeias, principalmente portuguesas, que introduziram no Brasil as estruturas e estilos do teatro ocidental clássico, mas também o circo-teatro e um universo de espetáculos que abrangeva dramas e comédias. Durante esse período, surgiram os primeiros teatros permanentes, como o Teatro São João em Salvador e o Real Teatro de S. João, no Rio de Janeiro. Ainda no século XIX, o teatro brasileiro começou a desenvolver uma voz própria com obras que buscavam retratar a realidade local, destacando-se atores como João Caetano, ou o cantor, compositor, violonista e teatrólogo baiano Xisto de Paula Bahia, bem como as comédias de Martins Pena, que satirizavam os costumes da sociedade da época. Com a Proclamação da República e ao longo do século XX, o teatro brasileiro experimentou uma fase de grande experimentação e renovação. O Modernismo, por exemplo, trouxe uma nova energia ao teatro, com Oswald de Andrade promovendo a ruptura com os modelos europeus e a criação de uma linguagem genuinamente nacional. Esse período também viu o surgimento de importantes grupos teatrais, como a geração formada a partir do teatro Trianon, ou como o Teatro Experimental do Negro, que buscava dar voz e representatividade aos artistas afro-brasileiros.

Figura 3. Teatro São João



FONTE: Mercier, 1902

No plano da formação, cabe lembrar sobre a Escola de Teatro, fundada em 1956 na Universidade Federal da Bahia, a primeira da América Latina a ofertar o ensino superior em Artes Cênicas. Nas décadas de 1960 e 1970, durante o regime militar, o teatro se tornou uma forma de resistência política. Peças como *O Rei da Vela*, de Oswald de Andrade, encenada pelo Teatro Oficina, e *Roda Viva*, de Chico Buarque, dirigida por José Celso Martinez Corrêa, usaram o palco como espaço de crítica social e política. Essa época também foi marcada pelo surgimento do Teatro de Arena em São Paulo, que introduziu novas formas de expressão cênica e fortaleceu o teatro de protesto. Uma experiência importante no futuro trabalho de Augusto Boal, o Teatro do Oprimido, grande inspirador de formas teatrais críticas, como o teatro de rua no Brasil. Atualmente, o teatro no Brasil é vibrante e diversificado, abrangendo desde produções comerciais de grande escala até experimentações independentes em

Figura 4. Teatro Experimental do Negro



FONTE: Arquivo Nacional

espaços alternativos. Festivais de teatro, como o Festival de Teatro de Curitiba, e uma nova geração de dramaturgos continuam a explorar temas relevantes da sociedade brasileira, mantendo o teatro como um espelho crítico e criativo da vida no Brasil. Assim, o teatro brasileiro não apenas reflete a história e as tensões sociais do país, mas também atua como um espaço vital para o debate cultural e a inovação artística, mantendo-se como uma plataforma importante para a expressão das identidades brasileiras.



Ilustração: Funarte, por Anatriz

Unidade V

As Instituições de Cultura: a Funarte

A Fundação Nacional de Artes (Funarte) é uma das instituições mais significativas no cenário cultural brasileiro, dedicada ao fomento, à promoção e à preservação das artes no Brasil. Criada em 1975, tem desempenhado um papel crucial no desenvolvimento e na disseminação das artes cênicas, música, artes visuais, e literatura, contribuindo para a rica diversidade cultural do país. A atuação da Funarte abrange uma ampla gama de atividades, incluindo o apoio à produção artística, a realização de festivais, exposições, espetáculos, e oficinas, bem como a concessão de prêmios e bolsas para artistas e criadores. Essas iniciativas são essenciais para a manutenção do vibrante cenário artístico brasileiro, promovendo a inovação e a experimentação nas diversas formas de expressão artística. Além disso, a Funarte desempenha um papel importante na democratização do acesso à cultura, através da implementação de políticas que visam levar as artes a públicos diversificados e a regiões menos atendidas pelo circuito cultural *mainstream*.

Por meio de seus espaços culturais, a Funarte atua como um ponto de encontro para artistas e público, incentivando o diálogo e a colaboração entre diferentes setores da sociedade. A instituição também é responsável pela preservação do patrimônio cultural brasileiro no campo das artes. Ela mantém acervos de grande valor histórico e artístico e promove pesquisas e publicações que contribuem para o estudo e a compreensão da arte brasileira. A Funarte, portanto, não apenas apoia a criação artística, mas também, garante que as riquezas culturais do Brasil sejam acessíveis a todos, fortalecendo o tecido social e cultural do país. Em um país de dimensões continentais e de imensa diversidade como o Brasil, essa Fundação é um instrumento vital para a promoção da unidade nacional através da diversidade de suas expressões culturais. Através de suas iniciativas, a Funarte reafirma constantemente o papel essencial das artes na formação de uma sociedade mais crítica, reflexiva e sensível.



Ilustração: Machado de Assis, por Anatriz

Unidade VI

Lendo as Culturas Brasileiras

Vamos agora dar um mergulho no mundo da leitura e dos livros, palco de uma complexidade cultural que permitirá aprofundarmos tais ideias. As formas populares da cultura, desde as práticas do cotidiano até as formas de consumo cultural, podem ser pensadas como táticas produtoras de sentido, embora de um sentido possivelmente estranho àquele visado pelos produtores. Exemplo de um olhar sobre a cultura popular pode ser a leitura, bem como os seus usos pelos leitores. A leitura não é um ato passivo. Além do que, há um contexto e condições de possibilidade que devem ser levados em conta. Assim como deve-se observar os elementos em disputa em cada período. O livro e a leitura ocupam um papel central na cultura brasileira, refletindo e moldando a identidade nacional através de diferentes períodos históricos. Desde as primeiras manifestações literárias coloniais até o vibrante mercado editorial contemporâneo, a literatura brasileira tem explorado temas variados que vão desde a identidade nacional até questões sociais profundas. Instituições como a [Biblioteca Nacional](#) e diversos programas de incentivo à leitura, como o [Plano Nacional do Livro e Leitura](#), demonstram o compromisso do país com a promoção da literatura e o acesso democrático à cultura. A interação entre autores brasileiros e suas obras contribui para uma contínua reinterpretação e celebração da rica diversidade cultural do Brasil.

Para efeito de nosso argumento, a cultura brasileira não se resume à tradição e ao folclore, ao popular, e nem apenas ao que é cultivado pelas artes, letras e ciências. Ao observarmos a sua origem orgânica e como ela é vivenciada no cotidiano nos territórios e nas comunidades imaginadas, nos parece mais adequado pensar em culturas no plural, levando em conta a riqueza e diversidade da cultura popular, como o samba, forró, festas juninas, o frevo, a capoeira, e a culinária típica de diferentes regiões. Mas, culturas contemporâneas são também palco interseccionais performados pelas experiências de Gênero, Raça, Classe, Espiritualidade nos territórios. O que aconteceu com a cultura brasileira depois da antena parabólica?

Em resumo, a nossa herança intelectual sobre a ideia cultura remete a duas categorias distintas. De um lado uma constelação de sentido relativamente estável, mas em expansão de todas as coisas pensadas e sentimentos. Por outro lado, camadas geológicas das sucessivas transformações e atualizações de nossos fazeres culturais. Essas categorias podem ser analisadas em três fases que objetivam o entendimento da ideia de cultura: culto, cultivado, arte; cultura como totalidade – na ideia de cultura nacional, nação e comunidade, como nos estudos antropológicos – e cultura de massa –fruto da indústria cultural global (Ortiz, 1999).

A cultura popular, a cultura de massa, a cultura nacional e a cultura erudita são maneiras de denominar frações da cultura que se transformam, mas que pertencem a uma herança brasileira comum que se impõe a todos nós. Compartilhamos herança comum nos museus, nos arquivos, nas bibliotecas, nas instituições de ensino e pesquisa. Livros didáticos e rituais cívico-culturais encenam pertencimento à cultura brasileira. As artes plásticas e visuais, a literatura, a música, a dança, as artes cênicas em sua diversidade performam uma herança comum nas casas de espetáculo, nos teatros, nas galerias, nos cinemas. Uma indústria cultural que se nutre de um imaginário nacional como o brasileiro, compartilhado por mitos e visões de mundo populares, institucionais e criativos diversos, tende também a integrar a diversidade dos atores sociais do complexo mundo cultural. De universos culturais específicos emergem fenômenos musicais (sertanejo universitário, funk), programas de televisão de grande audiência, influenciadores digitais e filmes de sucesso. Os festivais de música e eventos como a Comic Con Experience, no Brasil, reúnem milhares de pessoas em torno da cultura pop. Ou ainda sobre a relação entre cultura de massa e eventos culturais tradicionais que se tornaram amplamente comercializados, como o Carnaval. Hibridismo cultural, nos diria Canclini (1997). Mas, nem sempre a modernidade foi generosa com a integração das minorias. Nem sempre podemos nomear de nossa a indústria cultural que nos cerca. E aqui emerge uma outra importante dimensão de cultura. A cultura é um direito inscrito na constituição brasileira. São dois artigos dedicados a ela, que desenharam a diretrizes magnas da política cultural brasileira, tema de outra aula. Mas voltemos à ideia de herança comum que escolhemos preservar.



Saiba mais!

PATRIMÔNIO CULTURAL

Aqui está uma lista atualizada dos patrimônios materiais e imateriais do Brasil, tombados tanto pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) quanto pela Unesco:

Patrimônio Material

1. Cidade Histórica de Ouro Preto
2. Centro Histórico de Olinda
3. Ruínas de São Miguel das Missões
4. Centro Histórico de Salvador
5. Santuário do Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas
6. Brasília
7. Parque Nacional da Serra da Capivara
8. Centro Histórico de São Luís
9. Parque Nacional do Iguaçu
10. Centro Histórico de Diamantina
11. Mata Atlântica
12. Área de Conservação do Pantanal
13. Costa do Descobrimento
14. Centro Histórico de Goiás
15. Praça de São Francisco na cidade de São Cristóvão
16. Rio de Janeiro: paisagens cariocas entre a montanha e o mar
17. Paraty e Ilha Grande

Patrimônio Imaterial

1. O Samba de Roda do Recôncavo Baiano
2. Frevo
3. Círio de Nazaré
4. Arte Kusiwa - Pintura Corporal e Arte Gráfica Wajãpi
5. Capoeira
6. Modo de fazer Viola de Cocho
7. Complexo Cultural do Bumba meu Boi do Maranhão

8. Cachoeira de Iauaretê: Lugar Sagrado dos Povos Indígenas dos Rios Uaupés e Papurí
9. Roda de Capoeira
10. Ofício das Baianas de Acarajé
11. Jongo no Sudeste
12. Pão de Queijo de Minas Gerais

Estes sítios e práticas são reconhecidos por seu valor universal excepcional e fazem parte do patrimônio cultural do Brasil, preservando a rica história e diversidade cultural do país ([Unesco](#)) (Saiba mais! [Unesco - Intangible Heritage Home](#)).



Saiba mais!

CULTURA ALIMENTAR

A cultura alimentar brasileira é notavelmente diversa e reflete a rica mistura de influências indígenas, africanas e europeias. Aqui estão alguns exemplos representativos:

- **Feijoada** - Considerado o prato nacional do Brasil, é uma sopa espessa feita com feijão preto e uma variedade de carnes de porco e boi, servida com arroz, farofa, couve e laranja.
- **Moqueca** - Um ensopado de peixe ou frutos do mar, cozido com tomates, cebolas, alho e coentro, frequentemente enriquecido com leite de coco e azeite de dendê, refletindo as influências africana e indígena.
- **Acarajé** - Um bolinho frito de feijão-fradinho que é recheado com vatapá (um alimento pastoso, produzido com camarão seco – defumado –, pão, leite de coco, castanha e amendoim, moídos e azeite de dendê), salada e camarões, tradicional da culinária baiana.
- **Churrasco** - O estilo brasileiro de grelhar carne, que se tornou famoso mundialmente. Os cortes de carne são dispostos em grandes espetos e assados em churrasqueiras a carvão.
- **Tapioca** - Uma espécie de crepe feito com farinha de mandioca, que pode ser recheado com uma variedade de ingredientes doces ou salgados.

- **Pão de queijo** - Pequenos pãezinhos assados, feitos de polvilho azedo, queijo, leite, óleo e ovos. São crocantes por fora e macios por dentro.
- **Coxinha** - Salgadinho em forma de gota, recheado com frango desfiado, temperado e envolto em massa à base de farinha e depois empanado e frito.
- **Brigadeiro** - Um doce brasileiro tradicional, semelhante a uma trufa, feito com leite condensado, cacau em pó, manteiga e coberto com chocolate granulado.

Esses pratos ilustram a maneira como a cultura brasileira absorve e adapta influências culinárias de diferentes partes do mundo, criando uma identidade gastronômica única e diversificada. O tacacá é um prato típico da Região Norte do Brasil, especialmente do Pará e do Amazonas. É uma sopa quente e ácida, servida em cuias e feita com tucupi (sumo extraído da mandioca brava), jambu (uma erva que causa uma sensação de formigamento na boca), camarões secos e goma de mandioca. A receita tem raízes indígenas e é amplamente consumida como um lanche de rua nas cidades do Norte do Brasil.

Gilberto Freyre e Mário de Andrade, dois dos mais influentes intelectuais brasileiros, mencionam o tacacá em suas obras, ressaltando-o como exemplo da rica diversidade cultural e gastronômica do Brasil. Freyre, em particular, destaca a culinária como um elemento central na formação da identidade brasileira, na qual pratos como o tacacá exemplificam a fusão das heranças indígenas, africanas e europeias. Mário de Andrade, por sua vez, em suas viagens pelo Brasil, explorou a diversidade cultural do país, incluindo sua culinária, como parte de sua pesquisa sobre a identidade cultural brasileira.

O tacacá representa, portanto, mais do que apenas uma receita local; é um símbolo da miscigenação cultural que caracteriza o Brasil, sendo apreciado por esses autores não apenas por seu sabor, mas também por seu significado cultural e social.

Visitar: Dossiê - Cultura alimentar e política cultural. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v. 16, n. 2, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais>.

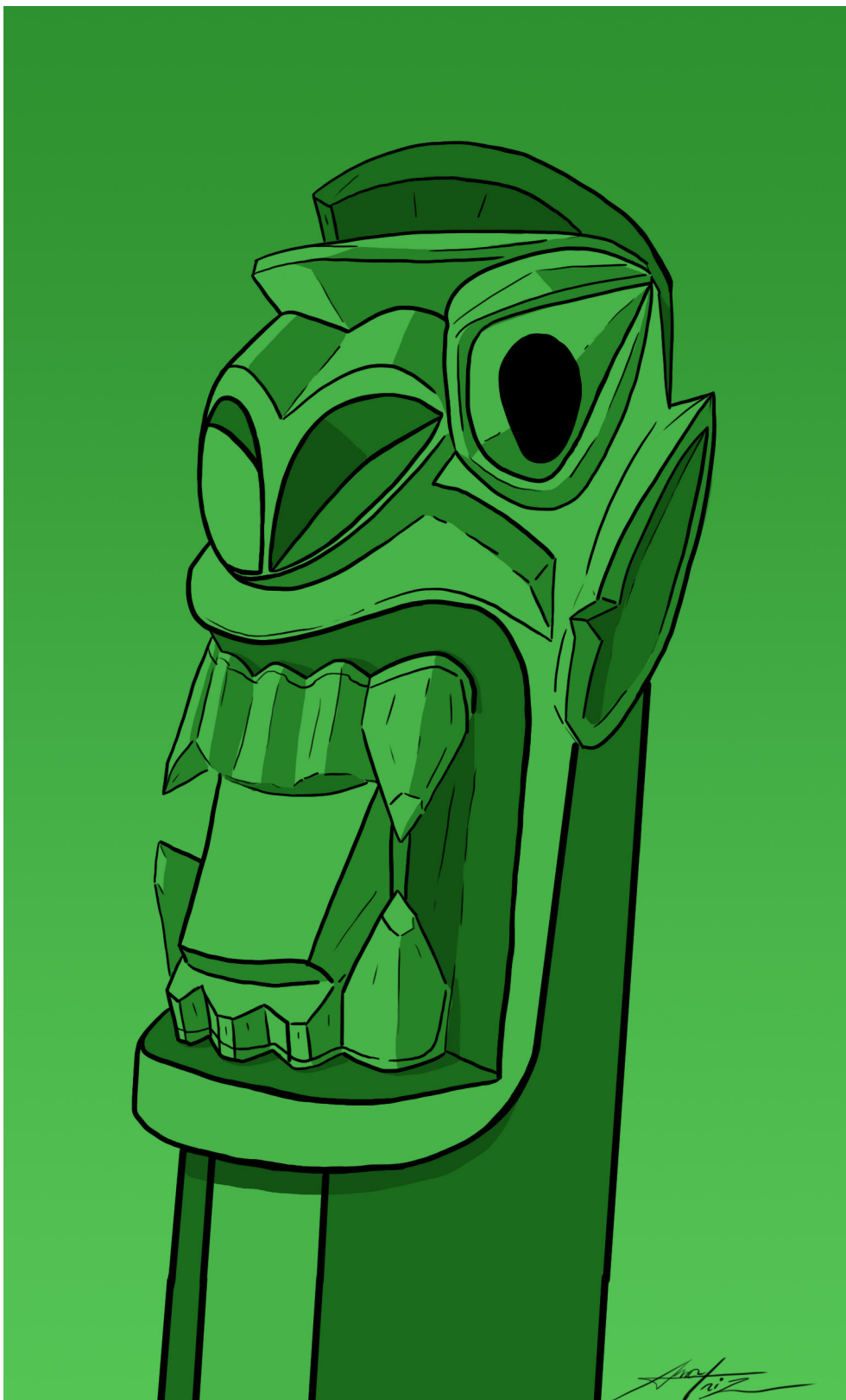


Ilustração: Carranca, por Anatriz

Unidade VII

Patrimônio e Cultura no Brasil

As políticas culturais no Brasil têm evoluído significativamente ao longo do tempo, refletindo mudanças sociais, políticas e econômicas. Desde o estabelecimento do Departamento de Cultura de São Paulo, em 1935, até a formação do Ministério da Cultura (MinC), essas políticas têm se tornando cada vez mais complexas e abrangentes.

Departamento de Cultura de São Paulo (1935): Criado sob a liderança de Mário de Andrade, o Departamento de Cultura de São Paulo foi pioneiro na institucionalização da cultura como uma área de interesse público. Seu objetivo era preservar e promover a cultura em uma das cidades mais dinâmicas do Brasil. Mário de Andrade implementou uma série de iniciativas culturais inovadoras, incluindo pesquisas etnográficas, proteção ao patrimônio histórico e artístico, e a organização de eventos culturais que enfatizavam a diversidade cultural brasileira.

Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN, 1937): Criado durante o governo de Getúlio Vargas, o SPHAN foi uma resposta à necessidade de preservação do patrimônio cultural brasileiro. Sob a direção de Rodrigo Melo Franco de Andrade, o SPHAN desempenhou um papel crucial na identificação, catalogação e proteção de sítios históricos e monumentos em todo o Brasil. Essa instituição foi fundamental na formulação de uma política de patrimônio que integrava a cultura no desenvolvimento nacional. Atualmente o órgão é denominado Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ligado ao Ministério da Cultura, sendo uma das instituições mais longevas da República.

Divisão de Intercâmbio e Divulgação Cultural (DIC) e Conselho Federal de Cultura (CFC): No período pós-SPHAN, a cultura brasileira começou a se expandir mais intensamente no cenário internacional, e estas divisões e conselhos ajudaram a organizar a representação cultural do Brasil no exterior, além de promover debates internos sobre políticas culturais.

Secretaria de Cultura (1976) e Fundação Nacional de Arte (Funarte): Com o aumento da importância da cultura no desenvolvimento social e econômico do país, foi criada a Secretaria de Cultura, vinculada ao

Figura 5. Sede do Ministério da Cultura



FONTE: Agência Brasil

Ministério da Educação, seguida pela Funarte, que tinha como objetivo apoiar e desenvolver as artes no Brasil. Essas instituições marcaram um período de maior institucionalização e financiamento das artes, preparando o caminho para a criação do Ministério da Cultura.

Ministério da Cultura (MinC, 1985): Estabelecido durante o governo de José Sarney após o fim da ditadura militar, o MinC representou um avanço significativo nas políticas culturais brasileiras. Com a criação do MinC, a cultura foi elevada ao nível de política de Estado, reconhecendo sua importância estratégica para o país. O MinC ajudou a consolidar uma visão mais integrada e diversificada da cultura brasileira, promovendo não apenas a conservação do patrimônio, mas também o incentivo à produção cultural contemporânea através de leis de incentivo como a Lei Rouanet.

Desenvolvimentos Subsequentes: Ao longo dos anos, o MinC expandiu suas políticas e programas para incluir novas áreas como economia criativa, direitos autorais, diversidade cultural e



digitalização da cultura. Essas evoluções refletem uma compreensão mais profunda e abrangente da cultura como um ecossistema complexo que contribui para a identidade nacional, o desenvolvimento social e o crescimento econômico.

Em resumo, as políticas culturais no Brasil evoluíram de iniciativas isoladas de preservação para uma compreensão mais holística e integrada da cultura como uma força vital para o desenvolvimento e a coesão nacional. Essa trajetória reflete não apenas mudanças nas políticas governamentais, mas também uma maior valorização da cultura na vida pública e econômica do país.

Salvaguardar é uma noção interessante quando falamos de um movimento contra o desperdício da experiência, sobre formas de registro, de transmissão, de preservação e de mediação cultural herdade. É preciso conversar com os detentores sobre ancestralidade. O direito à cultura é também um direito de escolha. E quando as escolhas sobre o mundo cultural que nos cerca não nos pertence? Influências nas culturas e

transformações nas tradições fazem parte da dinâmica cultural. Mas podemos pensar, apenas como exemplo, sobre a ausência indígena e africana nas telas.

Os meios pelos quais a cultura é transmitida, seja por tradição oral, festivais, festas populares e eventos comunitários, danças, músicas e artesanato têm relação com o sentido que damos a elas, e tudo está potencialmente ligado ao mundo da produção cultural. As culturas brasileiras estão vivas porque se comunicam. E se pensarmos na diversidade, devemos lembrar que as dinâmicas da vida real nem sempre são consensuais. Os embates sobre a cultura exigem mediação em ambientes democráticos. Fóruns de discussão, consultas públicas, debates, devem sempre ser os condutores das iniciativas governamentais e não governamentais de preservação e registro de algumas manifestações culturais. Ritos, saberes, celebrações, ofícios, marcadores históricos territoriais e simbólicos podem ser pensados como Patrimônio Imaterial do Brasil pelo IPHAN ou órgãos locais de patrimônio com o objetivo de garantir a equidade e a representatividade de nossa diversidade.

Alguns exemplos são significativos da importância do patrimônio imaterial e como ele é reconhecido no Brasil, por meio do IPHAN, por exemplo, com práticas como o samba de roda do recôncavo, a prática da capoeira, o ofício das baianas de acarajé e a celebração do Círio de Nazaré. Importante destacar a transformação do conceito de patrimônio à luz das transformações que ocorreram também com o conceito de cultura. O conceito de “patrimônio integral”, busca uma abordagem mais holística da cultura, incluindo as dimensões materiais e imateriais, naturais e construídas, tangíveis e intangíveis.

Como esses esforços de preservação e de ressignificação das culturas brasileiras refletem a sociedade brasileira atual, considerando questões de representatividade e diversidade? Uma perspectiva da cultura brasileira no plural pode ajudar a destacar as nuances da cultura de massa e incentivar a reflexão crítica sobre seu papel na sociedade brasileira. Uma reflexão sobre como a cultura nacional pode ser entendida no Brasil, um país de vasta diversidade étnica e regional. Haveria ainda espaço para uma cultura nacional capaz de abranger os elementos culturais que são amplamente reconhecidos dentro de um país e que contribuem para a sensação de identidade coletiva? Se pensarmos nos usos dos símbolos nacionais, da língua, da história comum, de celebrações e de valores compartilhados, devemos pensar nos mecanismos que permitem que eles desempenhem um papel na definição da cultura nacional. Pensar nas ausências como já foi dito, ajuda a pensar nas imposições autoritárias ou nos silenciamentos quanto ao diverso. Como eventos históricos, movimentos culturais e figuras

emblemáticas contribuíram para a formação da identidade nacional brasileira? Esta busca de uma identidade nacional única foi o pano de fundo de uma ideia simplificadora para a Cultura brasileira.

Aqui retornamos ao tema das políticas públicas e instituições, como o Ministério da Cultura e o Sistema S, na promoção de uma cultura nacional. Há momentos de maior influência de obras literárias, arte, música e cinema que se tornaram ícones da brasilidade e que ajudam a construir e a reforçar uma identidade nacional. A emergência da diversidade das culturas regionais do Brasil, destacando como cada região contribui de maneira única para a cultura nacional foi dando lugar para um coro de vozes permanente e menos marcado pelos estereótipos. O conceito de “unidade na diversidade”, que apresenta como as diferentes culturas regionais coexistem e se complementam, carrega a disputa e os desafios de reconciliar as identidades regionais fortes com a ideia de uma cultura nacional unificada, considerando as tensões e os diálogos entre o local e o nacional. Pensar as culturas brasileiras, no plural, pode ser um bom caminho para pensarmos as formas plurais de ser e estar no Brasil, é pensar democracia no país.

Figura 6. Patrimônio imaterial - Samba de roda do recôncavo



FONTE: Wikimedia Commons

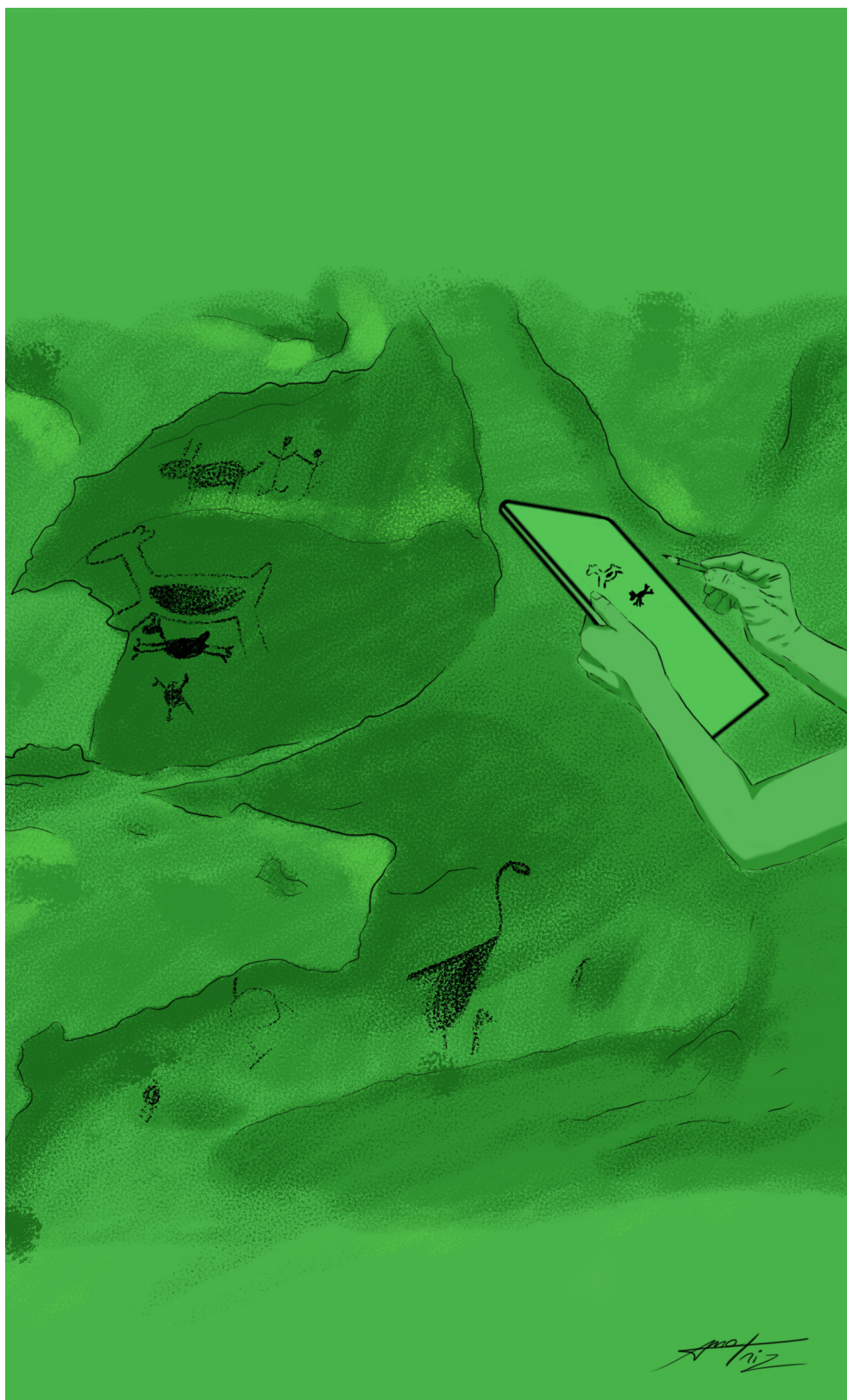


Ilustração: Pintura Rupestre, por Anatriz

Unidade VIII

A Cultura Brasileira em Múltiplas Telas e Tons

Ao explorar a cultura e o patrimônio cultural brasileiro, percebemos que eles são não apenas manifestações de identidades, mas também arenas de negociação e afirmação de poder. Entender essa dinâmica é essencial para qualquer discussão sobre cultura no Brasil, uma vez que reflete as complexidades de uma sociedade que está constantemente redefinindo sua identidade em um mundo globalizado.

As culturas brasileiras, em toda sua rica diversidade, não só se manifestam nas práticas cotidianas e tradições, mas também são vividamente retratadas e refletidas através de várias formas de arte. Filmes, músicas e imagens visuais servem como veículos poderosos para expressar e comunicar representações das culturas brasileiras, tanto para audiências nacionais quanto internacionais.

Assim compreendida, a cultura brasileira, continua a ser expressa e refletida de forma vibrante através de diversas formas de arte. O cinema, a música e as artes visuais são veículos poderosos que capturam a diversidade cultural do país, apresentando-a tanto para audiências nacionais quanto internacionais.



Ilustração: Cinema Nacional, por Anatriz

Unidade IX

Cinema e Cultura no Brasil

A história do cinema brasileiro é uma valiosa trajetória de inovação, desafios e expressão cultural profunda. Suas raízes remontam a 1896, quando os primeiros filmes foram apresentados no país, seguindo de perto a invenção do cinematógrafo pelos irmãos Lumière. No início do século XX, o cinema brasileiro começou a formar sua identidade, destacando-se inicialmente com filmes de caráter documental e noticiário. A década de 1930 marca uma fase significativa com o surgimento da “chanchada”, gênero que combinava comédia e música, predominantemente produzido pelos estúdios da Cinédia e depois pela Atlântida, e que se tornou extremamente popular entre o público brasileiro. Período que presenciou também a obra prima vanguardista *Limite* (1931), de Mário Peixoto, filme que causou muita polêmica em suas exibições de estreia. Enquanto política pública, o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), criado durante a Era Vargas, em 1937, teve como objetivo principal integrar o cinema na educação e na cultura brasileira. Liderado por Roquette Pinto, o INCE contou com figuras como o diretor, fotógrafo e montador o cineasta Humberto Mauro, e foi um esforço para promover o cinema educacional, produzindo e distribuindo filmes que cobriam temas como higiene, moral, trabalho, e a realidade brasileira, buscando formar e informar cidadãos em um período de forte nacionalismo (Saiba mais ! [Wikipedia](#)).

A era do Cinema Novo, na década de 1960, revolucionou a indústria, introduzindo uma estética mais artística e engajada politicamente. Cineastas como Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos focaram em temas sociais críticos, utilizando o cinema como forma de resistência e crítica social. O lema “Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça” encapsulou essa nova fase de experimentação e baixo orçamento, com filmes como *Deus e o Diabo na Terra do Sol* de Rocha que se tornaram icônicos.

Figura 7. Macunaíma (1969)



FONTE: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra72675/cartaz-do-filme-macunaíma>

Instituto Nacional do Cinema (INC): Foi criado em 1966 como parte de uma política governamental para organizar e apoiar a indústria cinematográfica no Brasil. A sua missão principal era fomentar a produção de filmes nacionais através de financiamentos, incentivos e a organização de festivais de cinema que ajudassem a promover a cultura cinematográfica brasileira. O INC também foi responsável por regulamentar e coordenar as atividades relacionadas à importação e distribuição de filmes estrangeiros, buscando equilibrar a presença do cinema nacional nas salas de exibição do país. Com a criação da Empresa Brasileira de Filmes Sociedade Anônima (Embrafilme), perde algumas de suas funções até sua extinção, em 1975.

Embrafilme: Criada em 1969, foi uma resposta à necessidade de um maior apoio e estruturação do cinema brasileiro. A empresa atuou como distribuidora e produtora de filmes brasileiros, desempenhando um papel crucial na promoção do cinema nacional tanto no Brasil quanto no exterior. A Embrafilme financiou diversos filmes que se

tornaram icônicos e ajudou a formar uma nova geração de cineastas e técnicos. Além de seu papel de produção e distribuição, também teve uma contribuição importante na promoção de festivais de cinema brasileiro ao redor do mundo, elevando o reconhecimento internacional do cinema nacional.

Ambas as instituições enfrentaram desafios relacionados às mudanças políticas e econômicas no país, especialmente durante os anos de ditadura militar, mas foram fundamentais para a sobrevivência e renovação do cinema brasileiro durante períodos críticos. A Embrafilme, em particular, foi extinta em 1990, no contexto das políticas neoliberais que promoviam a redução do papel do Estado na economia, incluindo a área cultural. A extinção da Embrafilme marcou o fim de uma era de investimento estatal direto no cinema brasileiro, levando a uma reestruturação da indústria cinematográfica no país. Essas instituições deixaram um legado de fomento à cultura cinematográfica que ainda é evidente no cenário atual do cinema brasileiro, através de novas políticas e órgãos de apoio ao cinema nacional.

Após um período de declínio nos últimos anos do regime militar, o cinema brasileiro ressurgiu nos anos 1990 com uma nova onda de diretores e filmes que alcançaram sucesso tanto crítico quanto comercial. Filmes como *Central do Brasil* e *Cidade de Deus* ganharam reconhecimento internacional, mostrando a capacidade do cinema brasileiro de contar histórias poderosas com apelo universal.

Nos anos 2000, o cinema brasileiro continuou a expandir seus horizontes, explorando diferentes gêneros e tópicos, e ganhando mais visibilidade em festivais internacionais. Diretores como Fernando Meirelles, Eduardo [Coutinho](#), José Padilha e Walter Salles contribuíram para um cenário cinematográfico diversificado e engajado.

Atualmente, o cinema brasileiro continua a ser uma força vital na expressão das complexidades sociais, culturais e políticas do Brasil, mantendo um diálogo ativo com sua audiência tanto nacional quanto internacionalmente.



Ilustração: Boiadeiro, por Anatriz

Unidade X

Conclusão

Cada um desses exemplos não apenas entretém, mas também serve como uma ferramenta de reflexão e crítica. Eles destacam a complexidade e as contradições culturais brasileiras, profundamente enraizadas em suas múltiplas identidades e histórias. Esses meios de expressão artística ajudam a transmitir a riqueza do patrimônio cultural brasileiro, oferecendo uma visão mais profunda de como as artes podem influenciar e refletir políticas e identidades culturais. Ao explorar essas manifestações, obtemos uma compreensão mais rica e matizada da dinâmica cultural do Brasil, seus desafios e celebrações.

As culturas brasileiras, incorporando tanto elementos tradicionais quanto contemporâneos, continuam seu diálogo sobre identidade, resistência e expressão. Celso Furtado, um dos mais renomados economistas brasileiros, também contribuiu significativamente para o entendimento da cultura brasileira através de uma perspectiva econômica e desenvolvimentista. Embora conhecido principalmente por suas análises sobre o desenvolvimento econômico, Furtado também refletiu sobre as dimensões culturais do desenvolvimento e suas interações com a economia. Na visão desse economista, a cultura não é apenas um complemento ou um subproduto do desenvolvimento econômico, mas uma força vital que impulsiona e dá forma ao desenvolvimento. Ele argumentava que o desenvolvimento econômico e a cultura são intrinsecamente ligados, com a cultura desempenhando um papel crucial na modelagem das capacidades produtivas de uma nação e na orientação de suas trajetórias de desenvolvimento. Furtado via a cultura brasileira como uma tapeçaria complexa, moldada por uma história de colonização, miscigenação e resistências diversas. Ele destacava a riqueza da diversidade cultural do Brasil, sublinhando como esta poderia ser uma vantagem estratégica no contexto global.

Para Furtado, a identidade cultural brasileira, com sua capacidade de absorver e recriar influências externas, é um componente chave para entender a dinâmica interna do desenvolvimento do país. Além disso, enfatizava a necessidade de políticas culturais que não apenas preservassem o patrimônio cultural, mas que também promovessem a criatividade e a inovação. Ele defendia

que o apoio à cultura era fundamental para construir uma sociedade mais justa e economicamente sustentável. Furtado argumentava que investir em cultura significava investir no capital humano e social, essenciais para o desenvolvimento econômico sustentável.

Em resumo, como pensava Celso Furtado, a cultura brasileira poderia ser tanto um reflexo quanto um motor do subdesenvolvimento econômico. Para superar essa condição, uma cultura ativa deveria ser fruto de uma política ativa. Diferente daquilo que as elites brasileiras fizeram durante séculos. Seu pensamento oferece uma perspectiva valiosa que conecta economia e cultura, sugerindo que o desenvolvimento de uma deve ser acompanhado e sustentado pelo desenvolvimento da outra, apontando para um modelo de progresso que respeita e valoriza a diversidade cultural como um recurso estratégico e inesgotável.



Saiba mais!

Cinema brasileiro

1. “Cidade de Deus” (2002) - Direção: Fernando Meirelles e Kátia Lund

- Este filme oferece um olhar cru e intenso sobre as vidas em uma das favelas mais conhecidas do Rio de Janeiro, destacando questões de violência, pobreza e as complexas dinâmicas sociais dentro dessas comunidades.

2. “Central do Brasil” (1998) - Direção: Walter Salles

- Através da jornada de uma ex-professora e de um menino em busca de seu pai, este filme explora as paisagens emocionais e físicas do Brasil, mostrando a diversidade cultural e regional do país.

3. “Bacurau” (2019) - Direção: Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles

- Um filme que mistura gêneros como *western* e ficção científica, “Bacurau” é uma narrativa sobre resistência comunitária em uma pequena vila do sertão nordestino, refletindo questões sociais e políticas atuais.

4. “Que Horas Ela Volta?” (2015) - Direção: Anna Muylaert

- Este filme aborda as complexas dinâmicas de classe e as relações interpessoais no ambiente doméstico, seguindo a história de uma empregada doméstica em São Paulo e sua relação com a família para a qual trabalha.



Saiba mais!

Música BRASILEIRA

1. “Construção” - Chico Buarque

- Esta canção é um exemplo clássico de crítica social embutida em uma estrutura lírica complexa, discutindo temas de alienação e as condições de vida dos trabalhadores urbanos no Brasil.

2. “Tropicália” - Caetano Veloso

- Parte do movimento Tropicália, que mesclou influências culturais brasileiras e estrangeiras, essa música é um emblema da resistência cultural e política durante a ditadura militar no Brasil.

3. “AmarElo” - Emicida (2019)

- Esta música e o álbum homônimo celebram a cultura afro-brasileira e discutem temas de identidade, resistência e história, fazendo uso de samples de samba e personalidades históricas brasileiras.

4. “Sulamericano” - BaianaSystem (2019)

- Combinando ritmos regionais brasileiros com música eletrônica e reggae, BaianaSystem utiliza suas músicas para discutir questões contemporâneas de identidade e resistência cultural no contexto globalizado.



Saiba mais!

Artes Visuais BRASILEIRAS

1. “Os Retirantes” - Cândido Portinari

- Esta série de pinturas captura as lutas e a resiliência dos trabalhadores rurais do Nordeste brasileiro, oferecendo um retrato poderoso das condições sociais e econômicas da época. A série “Os Retirantes” de Cândido Portinari é composta por várias obras que podem ser encontradas em diferentes coleções. Algumas dessas obras estão no Museu de Arte de São Paulo (MASP) e outras em coleções privadas. Parte do trabalho de Portinari também está exposta no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro.

2. Fotografias de Sebastião Salgado

- Conhecido por seus retratos impactantes que documentam a vida humana sob condições extremas, as obras de Salgado, muitas vezes, focam em trabalhadores brasileiros, indígenas e paisagens naturais, destacando tanto a beleza quanto as adversidades encontradas. Sebastião Salgado é um fotógrafo renomado cujas obras são exibidas em várias galerias e exposições ao redor do mundo. Suas fotografias frequentemente circulam em exposições itinerantes internacionais e também podem ser encontradas em coleções permanentes de museus como o Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) e a Maison Européenne de la Photographie, em Paris. No Brasil, algumas de suas obras podem ser vistas em exposições temporárias em grandes centros culturais.

3. Bruno Big

- Um artista contemporâneo cujas obras são marcadas pelo uso vibrante de cores e grandes murais urbanos. Bruno Big, cujo nome verdadeiro é Bruno Carneiro Mosciaro, é um artista brasileiro que nasceu no Rio de Janeiro. Ele é bem conhecido por seus trabalhos coloridos e intensos, especialmente em murais urbanos, que muitas vezes exploram temas relacionados à identidade cultural e social. Big explora temas de identidade cultural e social através de uma estética que dialoga com a cultura de rua e a arte pública. É conhecido por seus murais em espaços públicos, o que significa que muitas de suas obras estão ao ar livre, acessíveis ao público em diversas cidades. Ele também participa de exposições em galerias de arte contemporânea e eventos de arte urbana ao redor do país e internacionalmente.

4. Adriana Varejão

- Conhecida por suas pinturas e instalações que exploram a história colonial e as influências culturais no Brasil, Varejão usa a arte como uma forma de investigar e comentar sobre a mistura e tensão entre as culturas que formam o país. As obras de Adriana Varejão são frequentemente exibidas em importantes instituições culturais ao redor do mundo. No Brasil, ela tem obras permanentes no Instituto Inhotim, em Brumadinho, Minas Gerais, um dos maiores centros de arte contemporânea a céu aberto do mundo. Além disso, suas obras também fazem parte de coleções em museus como o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ) e o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP).

5. Eduardo Kobra

- Para uma discussão sobre cultura brasileira, através da arte visual, Kobra é famoso por seus murais coloridos e detalhados, que muitas vezes incorporam figuras históricas e cenas que refletem questões sociais, culturais e políticas. Seu estilo é caracterizado pelo uso vibrante de cores e linhas geométricas, criando obras que são tanto visualmente impactantes quanto ricas em conteúdo. Eduardo Kobra tem murais espalhados por todo o Brasil e pelo mundo, com obras que celebram a diversidade cultural e trazem reflexões sobre a história e a sociedade. Incluir Kobra na sua discussão poderia enriquecer ainda mais a análise sobre como a arte contemporânea brasileira interage com e comenta sobre a cultura e a identidade nacional.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Fragmentos do discurso cultural: por uma análise crítica do discurso sobre a cultura no Brasil. **Teorias & políticas da cultura**, p. 13, 2007.

ALVES, Paulo Cesar (org.). **Cultura: múltiplas leituras**. São Paulo: Edusc; Salvador: Edufba, 2010

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. 4. ed. Brasília: Ed. UnB., 1963.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Media e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; 1987.

BOTELHO, Isaura. **Romance de formação: Funarte e política cultural. 1976-1990**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2000.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.308-345: Cultura brasileira e culturas brasileiras.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BOMFIM, Manoel. **O Brasil na América: caracterização da formação brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

CALABRE, Lia (org.) **Políticas culturais: reflexões e ações**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Ruy Barbosa, 2009.

CALABRE, Lia. **Políticas Culturais no Brasil. Dos anos 1930 ao século XXI**. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2009.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1997.

CANCLINI, Néstor. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1996.

CHARTIER, Roger. “Cultura popular”: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos: cultura urbana e história**. Rio de Janeiro, n. 16, jul./dez. 1995.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural**. O direito à cultura. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. 2. ed. São Paulo: Ed. Iluminuras/Fapesp, 1999.

COELHO, Teixeira. **A cultura e seu contrário**: cultura, arte e política pós-2001. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.

CUNHA, Manuela Carneiro da; CESARINHO, Pedro de Niemeyer. (org.). **Políticas culturais e povos indígenas**. São Paulo: EdUnesp, 2016.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas**. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. São Paulo: Hucitec, 1978.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951.

FURTADO, Celso. **Cultura e desenvolvimento em época de crise**. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

FURTADO, Celso. **Criatividade e dependência na civilização industrial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira: 1933-1974*. São Paulo: Ática, 1977.

MOTA, Carlos Guilherme. Cultura brasileira ou cultura republicana?. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 4, n. 8, jan./abr. 1990.

NOVAIS, Fernando A.; MELLO, João Manuel Cardoso de. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. *In*: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 559-658.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1999 .

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ORTIZ, Renato. A problemática cultural no mundo contemporâneo. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 16, n. 35, p. 17-66, jan./abr. 2017.

PIRES, Maria Laura Bettencourt. **Teorias da cultura**. 2. ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2006.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SAID, E. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**. Por um conceito de cultura no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: UBU editores, 2017.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.



Pesquisa-Ação

Agentes Culturais
Democráticos



**Fundo
Nacional
da Cultura**
Lei Rouanet



CULT
CENTRO DE ESTUDOS
MULTIDISCIPLINARES
EM CULTURA



Instituto de Humanidades, Artes e Ciências
Professor Milton Santos • UFBA | 10 Anos



Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia



Universidade
Federal da Bahia

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL



UNIÃO E RECONSTRUÇÃO